

Violência doméstica e seu impacto emocional sobre o adolescente: um estudo de revisão

Domestic violence and its emotional impact on adolescents: a review study

La violencia doméstica y su impacto emocional en los adolescentes: un estudio de revisión

*Sofia Creato Bonfatti**

*Leticia Jóia Ribeiro***

*Tania Mara Marques Granato****

Resumo

Considerando a violência doméstica contra crianças e adolescentes como um problema social e de saúde pública que atinge milhares de famílias de todas as partes do mundo, o objetivo desta revisão de literatura é compreender o impacto emocional da violência doméstica na vida de adolescentes. Foram selecionados artigos científicos delimitados pelos descritores “domestic violence”, “adolescent” e “emotional impact”, nos idiomas português, inglês e espanhol, nas bases de dados Scielo, PsycINFO (APA) e Pubmed. Incluímos artigos empíricos avaliados por pares publicados nos últimos dez anos (2010- 2020). A partir da análise crítica dos 14 estudos selecionados identificamos que o impacto emocional da violência doméstica é resultado de uma complexa interação entre fatores culturais, sociais, familiares e emocionais. De modo geral, o jovem vitimado apresenta sintomas depressivos, ansiedade e autoestima diminuída, a qual se revela por crenças negativas sobre si e sobre o mundo.

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2397-4727>. E-mail: sofia_bonfatti@yahoo.com.br

** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9228-4335>. E-mail: joiaribeiro.leticia@gmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2912-0693>. E-mail: granatotania@gmail.com

Compreendemos a sintomatologia dos jovens como uma estratégia de sobrevivência psíquica em ambientes familiares invasivos e negligentes quanto às suas necessidades físicas e emocionais. Concluímos pela necessidade de intervenções preventivas e interventivas que objetivem tanto o bem estar de crianças e adolescentes quanto a oferta de um cuidado parental suficientemente bom.

Palavras-chave: *Violência doméstica; Adolescente; Cuidado infantil; Revisão de literatura.*

Abstract

Considering domestic violence against children and adolescents as a social and public health problem affecting thousands of families all over the world, the objective of this literature review is to understand the emotional impact of domestic violence on the lives of adolescents. Scientific articles delimited by the descriptors “domestic violence”, “adolescent” and “emotional impact” were selected, in Portuguese, English and Spanish, in the Scielo, PsycINFO (APA) and Pubmed databases. We include peer-reviewed empirical articles published in the last ten years (2010-2020). Based on a critical analysis of 14 selected studies, we identified that the emotional impact of domestic violence is the result of a complex interaction between cultural, social, family and emotional factors. In general, the victimized youth presents depressive symptoms, anxiety and reduced self-esteem, which is revealed in negative beliefs about themselves and about the world. We understand the symptoms of young people as a psychic survival strategy in invasive family environments that neglect their physical and emotional needs. We conclude that there is a need for preventive and interventive actions aiming both at the well-being of children and adolescents and at offering a sufficiently good parental care.

Keywords: *Domestic violence; Adolescent; Child care; Literature review.*

Resumen

Considerando la violencia intrafamiliar contra la niñez y adolescencia como un problema social y de salud pública afectando a miles de familias del mundo, el objetivo de esta revisión de literatura es comprender su impacto emocional en la vida de los adolescentes. Se seleccionaron artículos científicos delimitados por los descriptores “violencia doméstica”, “adolescente” y “impacto emocional”, en portugués, inglés y español, en las bases de datos Scielo, PsycINFO (APA) y Pubmed. Incluimos artículos empíricos revisados por pares publicados en los últimos diez años (2010-2020). A partir de un análisis crítico de 14 estudios seleccionados, identificamos que el impacto emocional de la violencia doméstica es el resultado de una interacción compleja entre factores culturales, sociales, familiares y emocionales. En general, el joven victimizado presenta síntomas depresivos, ansiedad y disminución de la autoestima, lo que se manifiesta en creencias negativas sobre sí mismos y el mundo. Entendemos los síntomas

de los j6venes como una estrategia de supervivencia ps6quica en entornos familiares invasivos que descuidan sus necesidades f6sicas y emocionales. Concluimos que existe necesidad de intervenciones preventivas y intervencionistas apuntando tanto al bienestar de los ni6os y adolescentes como a ofrecer un cuidado parental suficientemente bueno.

Palabras clave: *Violencia intrafamiliar; Adolescente; Cuidado de los ni6os; Revisi6n de literatura.*

A viol6ncia contra a crian7a e o adolescente constitui um grave problema social e de sa6de p6blica em todo o mundo (Brasil, 2017; ONU, 2014). O estudo de Hills, Mercy, Amobi e Kress (2016) revelou a magnitude do problema ao constatar que em 2014 at6 um bilh6o de crian7as e adolescentes entre 2 e 17 anos tinham sido v6timas de viol6ncia f6sica, psicol6gica, sexual e/ou neglig6ncia, em 96 pa6ses, sendo associada a uma das principais causas de mortalidade.

O tema permanece na pauta das preocupa76es cient6ficas e sociais devido a sua ampla magnitude e gravidade. Apesar das tentativas brasileiras de proteger a popula76o infanto-juvenil atrav6s da implanta76o do Estatuto da Crian7a e do Adolescente (ECA,1990), da Lei da Palmada em 2014 (Brasil, Lei 13.010) e dos servi7os ofertados pelo Sistema 6nico de Assist6ncia Social (SUAS), dados divulgados pelo Minist6rio da Sa6de em 2018 mostram que 80% dos casos de viol6ncia contra a crian7a e o adolescente s6o de natureza intrafamiliar, isto 6, cometidos pelos pr6prios pais ou cuidadores dentro de casa.

O drama da viol6ncia dom6stica contra crian7as e adolescentes parece ter se intensificado durante o per6odo declarado como emerg6ncia mundial de sa6de p6blica em fun76o da pandemia de Covid-19, devido ao confinamento com os agressores. Esta 6 a hip6tese levantada por Levandowski et al. (2021) e Platt, Guedert e Coelho (2021) para explicar a queda no n6mero de notifica76es, dado que os autores recomendam ser tratado com cautela, uma vez que a medida de isolamento social favorece o silenciamento e a invisibilidade da viol6ncia intrafamiliar, resultando em subnotifica76o.

Diante desse panorama dram6tico que assola fam6lias em todas as partes do mundo e da premissa de que o cuidado infantil constitui a base

para o amadurecimento emocional saudável (Winnicott 1958/2000), como psicólogas alinhadas a uma perspectiva clínico-social para atendimento dessa demanda nos interrogamos acerca do impacto emocional da violência doméstica contra a criança e o adolescente.

METODOLOGIA

Considerando a complexidade e a gravidade do fenômeno da violência doméstica inauguramos esta revisão de literatura pela questão: “Qual é o impacto emocional da violência doméstica na vida do adolescente?” Realizamos a busca nas bases de dados Scielo, PsycINFO (APA) e Pubmed a partir dos descritores “domestic violence”, “adolescent” e “emotional impact”. A definição dos descritores se deu após buscas preliminares que nos permitiram identificar os trabalhos mais afinados com a questão de pesquisa. A busca nas bases de dados se deu em Abril de 2020. Os critérios de inclusão foram: artigos empíricos publicados nos últimos dez anos (2010-2020) e submetidos à avaliação por pares nos idiomas em português, inglês e espanhol, cujos participantes são crianças e adolescentes de até 18 anos de idade. Compreendemos que a imprecisão sobre os limites etários da infância e da adolescência observada na literatura se deve ao fato de que a violência sofrida pelo adolescente, na maior parte das vezes, começou na infância.

Desse modo, foram excluídos artigos que não atendiam aos critérios de inclusão, como: artigos de revisão de literatura, artigos teóricos e estudos duplicados além de trabalhos que focalizavam outros impactos, como o impacto no funcionamento neurobiológico, epigenético e reatividade neural, na performance escolar e no sono, por exemplo; outros tipos de violência, como a violência urbana, a violência comunitária, a violência extrafamiliar, a violência na escola entre outros tipos de experiências consideradas como traumáticas e adversas na infância); trabalhos que não declaravam se a violência sofrida pelo adolescente era de natureza familiar e artigos em que o impacto emocional era tratado secundariamente. Artigos cujos participantes incluíam o adolescente e algum adulto cuidador responsável foram selecionados somente quando a perspectiva do adulto era secundária em relação à do adolescente. Foram excluídos artigos que exploraram temas

como viol6ncia dom6stica contra a mulher, viol6ncia conjugal, viol6ncia por parceiro 6ntimo (VPI) ou que focalizavam a dimens6o pol6tica, econ6mica, educacional e social da viol6ncia dom6stica contra o adolescente. Foram igualmente exclu6dos artigos que focalizavam instrumentos de avalia76o.

A busca e a sele76o dos estudos foram realizadas por duas ju6zas e uma terceira ju6za entrou na avalia76o no caso de discord6ncia. Como resultado, obtivemos um total de 236 artigos sendo 202 publicados na Pubmed, 31 na APA PsycINFO e tr6s na Scielo. Foram exclu6dos quatro artigos duplicados, restando 232 para avalia76o em duas etapas: na primeira, realizamos a leitura de t6tulos e resumos dos 232 artigos, processo que resultou em 25 trabalhos; na segunda, quando cada estudo foi lido na 6ntegra, 12 foram exclu6dos por n6o atenderem a todos os crit6rios de inclus6o. Assim, 14 artigos integraram o *corpus* deste estudo sobre o impacto emocional da viol6ncia dom6stica na vida de adolescentes. A Figura 1 apresenta as etapas acima descritas, em um fluxograma (Moher, Libertirato, Telzloff, Altman e The PRISMA Group, 2009).

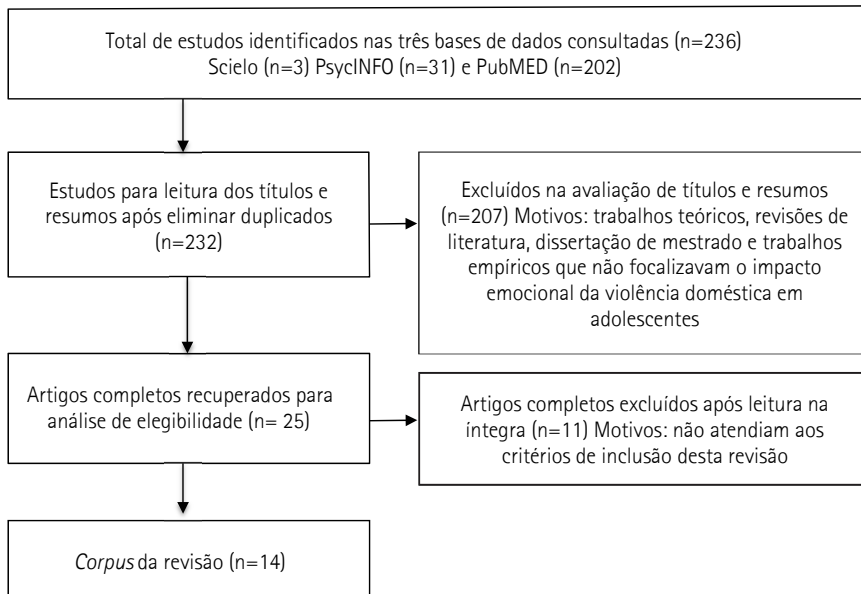


Figura 1. Fluxograma das etapas da Revis6o de Literatura, conforme orienta76o de Moher, Liberati, Telzloff, Altman & The PRISMA Group (2009).

RESULTADOS

Apresentamos no Quadro 1 uma breve caracterização dos 14 artigos selecionados de modo a identificar seus autores, título, objetivos e principais resultados, os quais serão discutidos a seguir.

Quadro 1. Síntese dos objetivos e principais resultados dos artigos selecionados para a revisão

Autores	Título	Objetivo	Principais resultados
(1) Mwakanyamale, & Yizhen (2019)	Psychological maltreatment and its relationship with self-esteem and psychological stress among adolescents in Tanzania: a community based, cross-sectional study	Descrever a relação entre maus-tratos psicológicos na infância e autoestima e sofrimento psicológico entre adolescentes na Tanzânia.	Há correlação positiva entre maus-tratos psicológicos e baixa autoestima. Prevalência de negligência emocional foi maior entre os participantes do sexo masculino enquanto o abuso emocional foi maior entre os participantes do sexo feminino do que entre os homens
(2) Oliveira et al. (2018)	Disentangling the mental health impact of childhood abuse and neglect: A replication and extension study in a Brazilian sample of high-risk youth	Replicar descobertas recentes sobre o impacto dos tipos de maus-tratos nos sintomas psiquiátricos juvenis e verificar se esta relação é mediada pela vitimização e / ou perpetração do bullying.	Associação linear entre os tipos de maus-tratos experimentados e a gravidade dos sintomas (efeito cumulativo). Abuso emocional como importante preditor de problemas de saúde mental
(3) Karsberg et al. (2018)	The association between distinct categories of child abuse experiences and dating violence in early adolescence	Investigar a relação entre categorias de maus-tratos infantis e a violência entre adolescentes no namoro (ADV - adolescent dating violence), especificando a relação entre tipos diferentes de maus-tratos infantis e tipos distintos de vitimização e perpetração de ADV.	Abuso sexual de crianças é forte preditor de ADV, alunos que experimentam abuso sexual eram 40 vezes mais propensos a perpetrar ADV sexual. A maior proporção de estudantes que experimentam os quatro tipos de abuso foi encontrada entre os estudantes que relataram CSA
(4) Fontes, Conceição, & Machado (2017)	Childhood and adolescent sexual abuse, victim profile and its impacts on mental health	Analisar o impacto do abuso sexual na infância e adolescência nas variáveis relacionadas à saúde mental e identificar as características das vítimas.	O abuso sexual na adolescência pode aumentar a chance de o jovem relatar um sentimento constante de solidão e insônia frequente

Autores	Título	Objetivo	Principais resultados
(5) Hagborg, Tidefors, & Fahlke (2017)	Gender differences in the association between emotional maltreatment with mental, emotional, and behavioral problems in Swedish adolescents	Examinar o efeito dos maus-tratos emocionais na saúde mental e no bem-estar mental em uma população geral de meninos e meninas suecos de 12 a 13 anos de idade	As meninas apresentam saúde mental e bem-estar mental diminuídos em graus mais baixos de maus-tratos emocionais em comparação com os meninos
(6) Haan et al. (2017)	Dysfunctional maltreatment-related cognitions in children and adolescents	Compreender as cognições disfuncionais relacionadas a maus- tratoss em crianças e adolescentes, investigando possíveis preditores de cognições disfuncionais, além de suas correlações com sintomas de internalização e externalização	Os maus tratoss foram altamente correlacionados a sintomas de internalização e externalização. Meninas apresentam mais cognições disfuncionais
(7) Witt et al. (2016)	Experience by children and adolescents of more than one type of maltreatment: Association of different classes of maltreatment profiles with clinical outcome variables	Identificar perfis de maus-tratos e associá-los a resultados clínicos de curto prazo.	Sofrer múltiplos tipos de maus tratoss tem um impacto maior na psicopatologia do que os tipos únicos de maus tratoss isoladamente
(8) Munzer, Fegert, & Goldbeck (2016)	Gender differences in the association between emotional maltreatment with mental, emotional, and behavioral problems in Swedish adolescents	Compreender os efeitos diferenciais da vitimização sexual e outras formas de maus-tratos no funcionamento psicológico	Maior parte dos participantes sofreu polivitimização. Os que tem história de VS são mais propensos a ter um diagnóstico atual de depressão maior do que o grupo sem história de VS. Além disso, crianças e adolescentes com história de VS relataram significativamente mais PTSD
(9) Kwok et al. (2015)	The roles of emotional competence and social problem-solving in the relationship between physical abuse and adolescent suicidal ideation in China	Investigar a relação entre abuso físico, fatores psicológicos positivos, incluindo competência emocional e resolução de problemas sociais, e ideação suicida entre adolescentes na China	O abuso físico foi associado à ideação suicida em adolescentes do sexo masculino e feminino. A alta resolução de problemas relacionais atenuou o impacto negativo do abuso físico sobre a ideação suicida em mulheres. Mulheres com maior empatia e que relataram ter sido abusadas fisicamente pelos pais têm maior ideação suicida

Autores	Título	Objetivo	Principais resultados
(10) Gunnlaugsson et al. (2011)	Intrafamiliar conflict and emotional well-being: A population based study among Icelandic adolescents	Determinar uma taxa básica nacional de conflitos intrafamiliares e violência física em casa entre adolescentes islandeses; e investigar a associação de testemunhar e/ou ter feito parte de conflito intrafamiliar ou violência física em casa com variáveis que se relacionam com a saúde mental e o bem-estar	Testemunhar ou estar envolvido em violência no lar foi significativamente associado a maiores níveis de depressão, raiva e ansiedade e baixa autoestima.
(12) Tanakaa et al. (2011)	The linkages among childhood maltreatment, adolescent mental health, and self-compassion in child welfare adolescents	Examinar a relação entre maus- tratos na infância e autocompaixão - um conceito de aceitação positiva de si mesmo	Maior grau de abuso emocional na infância, negligência emocional e abuso físico foi associado com menor autocompaixão. A baixa autocompaixão é associada a maior vulnerabilidade a sofrimento psicológico, uso problemático de álcool e tentativa de suicídio
(13) Leeson & Nixon (2011)	The role of children's appraisals on adjustment following psychological maltreatment: a pilot study	Examinar o papel dos estilos de pensamento nos resultados das crianças após este subtipo de maus- tratos (psicológico).	Maus-tratos psicológicos contribuem significativamente para sintomas de depressão, baixa autoestima e problemas de internalização e externalização. Estilos cognitivos disfuncionais foram associados a depressão, autoestima e sintomas de TEPT
(14) Al-Fayez, Oharei & Gado (2010)	Prevalence of physical, psychological, and sexual abuse among a nationwide sample of Arab high school students: association with family characteristics, anxiety, depression, self- esteem, and quality of life	Avaliar a prevalência de abuso físico, psicológico e sexual ao longo da vida e em 12 meses entre uma amostra aleatória estratificada de estudantes do ensino médio do Kuwait e, em segundo lugar, explorar a associação de abuso infantil com características parentais, qualidade subjetiva de vida (QV), autoestima, ansiedade e depressão	Maus tratos foram associados ao divórcio dos pais, baixa autoestima, altas pontuações em ansiedade, depressão, dificuldade escolar e nas relações sociais

O *corpus* desta revis6o 6 composto exclusivamente por artigos de delineamento quantitativo, revelando uma preocupa76o dos pesquisadores em mensurar a sintomatologia associada 6 experi6ncia da viol6ncia dom6stica por meio de question6rios, escalas e entrevistas. A maior parte dos trabalhos se serve de mais de um tipo de instrumento de avalia76o, como o trabalho de Oliveira et al. (2018) que utilizou quatro instrumentos para avaliar experi6ncias de maus tratos, identificar problemas emocionais e comportamentais, sintomas depressivos e sintomas de ansiedade em crian7as e adolescentes. Observamos a preval6ncia no uso do *Childhood Trauma Questionnaire* e do *Juvenile Victimization Questionnaire* entre pesquisadores que trabalharam com crian7as e adolescentes.

A escola foi o local selecionado para a coleta de dados da maior parte dos estudos analisados. J6 Haan et al. (2017), Witt et al. (2016) e Munzer, Fegert e Goldbeck (2016) trabalharam com participantes que frequentam institui76es de bem-estar infantil ou de servi7os de sa6de mental. Haan et al. (2017), Witt et al. (2016) e Leeson e Nixon (2011) foram os 6nicos pesquisadores que tamb6m coletaram dados dos pais e/ou cuidadores institucionais das v6timas, como um dado secund6rio.

Observamos que cinco estudos se serviram de outras fontes de dados para realizar a pesquisa. Haan et al. (2017) e Witt et al. (2016), por exemplo, fizeram uso do CANMANAGE (CAN=Child Abuse and Neglect + MANAGE = Case Management), uma iniciativa financiada pelo governo alem6o criada para fornecer e avaliar servi7os para crian7as e adolescentes que foram v6timas de abuso ou neglig6ncia. Gunnlaugsson, Kristj6nsson, Einarsd6ttir e Sigf6sd6ttir (2011) recrutaram adolescentes islandeses participantes do projeto internacional da Escola Europeia sobre 6lcool e outras Drogas (ESPAD) assim como Tanakaa, Wekerle, Schuck e Paglia-Boack (2011) selecionaram seus participantes atrav6s do Estudo Longitudinal de Maus Tratos e Caminhos do Adolescente (MAP) no Canad6. O estudo brasileiro de Fontes, Concei76o e Machado (2017) tamb6m utilizou dados divulgados pela Pesquisa Nacional de Sa6de do Escolar para compreender o sofrimento emocional do adolescente v6tima de viol6ncia dom6stica.

DISCUSSÃO

Ao investigar o impacto emocional, identificamos no escopo dessa revisão uma diversidade de termos para designar o fenômeno da violência dos pais perpetrada contra os próprios filhos. Na literatura nacional prevalece o uso dos termos violência doméstica e violência intrafamiliar (Miura et al., 2018) enquanto a preferência internacional é pelo uso dos termos maus tratos infantis e abuso infantil. Tal fato pode levar a resultados contraditórios encontrados na literatura acerca da prevalência e impacto dos maus tratos na infância e adolescência (Karsberg et al. 2018) e Witt et al. (2016).

Nessa perspectiva, o estudo da violência doméstica e sua conversão em conhecimento útil e prático para os profissionais da área da saúde e assistência pode ficar comprometido na falta de consenso dos pesquisadores sobre a definição do fenômeno estudado. No entanto, a diversidade terminológica da violência doméstica revela a complexidade do tema, além da sobreposição do fenômeno da violência contra a criança/adolescente e o da violência doméstica contra a mulher (Miura et al. 2018), também nomeada como violência conjugal ou violência por parceiro íntimo (VPI).

Nesse sentido, ao estudar o impacto emocional da violência doméstica na vida de adolescentes, Gunnlaugsson et al. (2011) destacaram o entrelaçamento dessas duas violências ao descobrir que crianças e adolescentes que testemunham a violência no lar apresentam 45 vezes mais chance de serem eles mesmos as vítimas da violência doméstica, ao habitarem um lar conflituoso cujo idioma relacional é a violência.

Esta parece ser uma tendência na literatura: o estudo de modalidades de violência antes negligenciadas por não deixarem marcas no corpo (Oliveira et al., 2018), como o testemunho da violência conjugal, a violência psicológica e a negligência que foram incluídas no campo da violência doméstica (Hagborg, Tidefors & Fahlke, 2017; Leeson & Nixon, 2011; Mwakanyamale & Yizhen, 2019; Tanakaa et al., 2011).

De acordo com Pasian, Faleiros, Bazon e Lacharité (2013), enquanto o estudo dos maus tratos infantis data da década de 1980, a negligência passou a ser mais estudada nos últimos 15 anos devido a sua invisibilidade e subnotificação. O fato dessas violências invisíveis terem se tornado objeto

de estudos cient6ficos pode ser visto como um desdobramento dos dados divulgados pelo Relat6rio Mundial sobre a Preven76o da Viol6ncia (2014) a respeito da neglig6ncia atingir milh6es de crian7as e adolescentes no mundo anualmente.

Ao tratarmos do impacto emocional, compreendemos que a amplia76o do conhecimento acerca das viol6ncias que n6o deixam marcas vis6veis seja fundamental, na medida em que h6 ainda uma resist6ncia para reconhec6-las como tal (Oliveira et al. 2018), fato que tem um desdobramento concreto na vida das v6timas, pois o temor de ter seu relato deslegitimado desencoraja a maior parte das v6timas a denunciar ou pedir ajuda, seja para um familiar ou para um profissional (Mwakanyamale & Yizhen, 2019).

Al6m de apresentarem uma natureza subjetiva, as viol6ncias invis6veis colocam em xeque pr6ticas parentais e culturais socialmente aceitas, como a educa76o severa e disciplinar (Assis & Ferreira, 2012; Branco & Tomanik, 2012; Magalh6es et al., 2017; Pinto e Colossi, 2017; Mwakanyamale & Yizhen, 2019; Gunnlaugsson et al., 2011; Choudhary, Satapathy & Sagar, 2019), o que contribui para a subnotifica76o do fen6meno (Oliveira et al., 2013) e a n6o legitima76o do sofrimento.

Apesar dos avan7os cient6ficos, Witt et al. (2016) criticam o car6ter artificial das categorias propostas pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) utilizadas para classificar a viol6ncia dom6stica contra a crian7a e o adolescente, quando usualmente encontramos uma sobreposi76o dessas experi6ncias (Munzer, Fegert e Goldbeck, 2016). A cr6tica de Witt et al. (2016) 6 relevante quando se pretende compreender o impacto emocional da viol6ncia dom6stica, uma vez que a sobreposi76o de viol6ncias resulta na polivitimiza76o e no trauma cumulativo (Karsberg et al., 2018; Oliveira et al., 2018; Witt et al., 2016).

No 6mbito cient6fico, a distin76o das viol6ncias e suas categorias serve ao pesquisador que busca definir um objeto de estudo para produzir conhecimento cient6fico e rigoroso. J6 no contexto cl6nico, devemos estar atentos 6 situa76o concreta de vida das v6timas e para a sobreposi76o de vulnerabilidades vividas pelo jovem e sua fam6lia para a elabora76o de interven76es contextualizadas e acolhedoras do sofrimento emocional.

Outra tendência revelada por esta revisão sobre o impacto emocional da violência doméstica se refere a uma incipiente preocupação com as questões de gênero que atravessam o fenômeno da violência doméstica contra a criança e o adolescente, e que carece de maior aprofundamento (Hagborg Tidefors & Fahlke, 2017). A nosso ver, tal iniciativa revela um amadurecimento ético de uma ciência que se alinha a demandas e mudanças socioculturais.

É fato que as relações de gênero têm sido foco dos debates sociais, sobretudo em função do crescimento a nível mundial da violência doméstica e da violência de gênero contra a mulher durante o período de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19 (Campbell, 2020; Marques, Moraes, Hasselmann, Deslandes & Reichenheim, 2020; Peterman, 2020; Vieira, Garcia & Maciel, 2020).

Dada a complexidade e magnitude mundial (Silva & Oliveira, 2015) da problemática da violência doméstica contra a mulher que frequentemente recai sobre crianças e adolescentes como vítimas ou espectadores (Campbell, 2020; Piosiadlo, Fonseca & Gessner, 2014; Gunnlaugsson et al. 2011; Marques et al. 2020; Peterman et al. 2020) refletir sobre os diferentes impactos da violência doméstica em meninas e meninos nos parece fundamental para se formular práticas preventivas e interventivas no âmbito da saúde mental e da assistência social mais afinadas às demandas dessa população.

De acordo com o *corpus* desta revisão, a prevalência do abuso sexual, por exemplo, é maior em meninas (Fontes, Conceição & Machado, 2017; Haan, 2017; Munzer, Fegert, & Goldbeck, 2016; Witt et al., 2016), dado que está em consonância com outras pesquisas científicas recentes (Araújo, 2002; Gabatz et al., 2013; Hildebrand et al., 2015; Hohendorff, Habigzang & Koller, 2012; Pinto Junior et al., 2015). O estudo de Al-Fayez, Oharei e Gado (2010) foi o único que não encontrou diferenças significativas na prevalência do abuso sexual segundo o gênero.

Em uma sociedade cuja lógica é falocêntrica e patriarcal os atributos masculinos são supervalorizados enquanto os femininos são depreciados (Butler 1990/2003), embora saibamos que cada gênero sofre conforme as expectativas sociais que lhe cabem. Vale lembrar que a produção científica

sobre a viol6ncia sexual contra meninos 6 escassa quadro que supomos refletir uma subnotifica6a6o ainda maior que a feminina (Hohendorff, Habigzang & Koller, 2012; Hohendorff, Santos & Dell'Aglio, 2015).

Tal diferen6a entre os g6neros n6o 6 somente quantitativa, mas qualitativa, visto que a alta preval6ncia do abuso sexual em meninas as tornam mais vulner6veis a cren6as negativas sobre si e sobre o mundo, ao Transtorno de Estresse P6s-Traum6tico (TEPT) (Hann et al. 2017), a sentimentos de solid6o e ins6nia (Fontes, Concei6o e Machado, 2017; Oliveira, 2018) e 6 depress6o (Munzer, Fegert & Goldbeck, 2016) al6m de apresentarem mais problemas de sa6de mental em n6veis de maus-tratos emocionais menores que os enfrentados pelos meninos (Hagborg, Tidefors e Fahlke (2017).

Al6m disso, meninas testemunham mais frequentemente discuss6es severas entre os pais Gunnlasson et al. (2011). J6 Mwakanyamale e Yizhen (2019) identificaram maior preval6ncia de abuso emocional em participantes do sexo feminino enquanto os meninos sofrem mais neglig6ncia emocional. Al-Fayez, Oharei e Gado (2010) identificaram que as meninas tiveram pontua66es significativamente maiores de viol6ncia f6sica e psicol6gica em rela66o aos meninos, no entanto, meninos apresentam maior taxa de idea66o suicida ao sofrerem abuso f6sico, o que Kwok et al. (2015) atribuem ao fato de a mulher apresentar recursos emocionais mais eficazes na resolu66o de problemas.

A diferen6a entre os g6neros desaparece quando se trata de adolescentes diretamente envolvidos na experi6ncia de viol6ncia f6sica com um adulto (Gunnlaugsson et al. 2011) levando-nos a ponderar sobre a diferen6a de g6nero entre os adolescentes que testemunham e/ou t6m discuss6es verbais severas com os pais. Talvez as adolescentes sejam mais propensas a interpretar determinadas intera66es como argumentos verbais severos reagindo a eles mais que os meninos. Tamb6m 6 poss6vel que as adolescentes poderiam estar reagindo a uma educa66o mais r6gida como 6 usualmente observado em fam6lias mais conservadoras. Nesse sentido, poder6mos pensar que em uma sociedade que tende a associar sensibilidade 6 fragilidade e ao feminino (Butler 1990/2003) os meninos tenderiam a reprimir os afetos.

Compreendemos que a desigualdade de gênero acaba por se refletir nos sintomas apresentados pelos jovens. Se de um lado, o sofrimento feminino é deslegitimado pelo patriarcado, ironicamente é a mesma lógica falocêntrica que silencia os meninos, na medida em que concebe o homem como mais potente que a mulher, criando a ilusão equivocada de que ele seria menos prejudicado pela violência doméstica e teria mais recursos internos para se recuperar (Choudhary, Satapathy & Sagar, 2019).

De um ponto de vista clínico-social, concordamos com Choudhary, Satapathy e Sagar (2019) ao considerar o sofrimento emocional do adolescente vitimado pela violência doméstica como socialmente produzido. Por essa razão, é preciso cautela para que não tomemos os dados de modo ingênuo e descontextualizado, como se existisse um adolescente universal não marcado por sua situação concreta de vida. Nesta perspectiva, compreendemos que não se trata de identificar o gênero que sofre mais, já que cada um sofre a seu modo, mas de ofertar uma escuta sensível que promova cuidados afinados às necessidades emocionais de meninas e meninos vitimados pela violência vivida em casa.

Considerando o imaginário social de que o amor materno seria biologicamente determinado, e, portanto, infalível e incondicional (Badinter, 1985), podemos supor que a experiência de ser vitimado pela violência cometida pelos próprios pais seja extremamente dolorosa, na medida em que o adolescente deixa de receber das figuras parentais um cuidado suficientemente afinado às suas necessidades emocionais básicas (Winnicott 1958/2000).

A expectativa de que os pais seriam os guardiões do desenvolvimento infantil saudável (Winnicott, 1945/2000) é frustrada e interrompe a continuidade existencial da criança e do adolescente quando os pais apresentam práticas parentais questionáveis, amparados na ideia de que a boa educação é severa e punitiva (Assis & Ferreira, 2012; Choudhary, Satapathy & Sagar, 2019; Gunnlaugsson et al., 2011; Magalhães et al., 2017; Mwakanyamale & Yizhen, 2019). Ademais, esta situação desvela uma sociedade adultocêntrica (Apostólico, Nóbrega, Guedes, Fonseca & Egry, 2012; Pinto Junior, et al.

2012; Martins & Jorge, 2010) que coisifica a inf6ncia (Azevedo & Guerra, 1995; Santana & Santana, 2016) e desloca a responsabiliza76o social dos pais pelo cuidado/educa76o para os ombros das crian7as e adolescentes.

O impacto emocional da viol6ncia dom6stica 6 complexo e de dif6cil mensura76o (Oliveira et al., 2013), j6 que constitui-se como intera76o de v6rios tipos de maus tratos, o que resulta em um ac6mulo de experi6ncias traum6ticas (Karsberg et al., 2018; Munzer, Fegert & Goldbeck, 2016; Oliveira et al., 2018; Witt et al., 2016) e se expressa por sintomas de internaliza76o (ansiedade e depress6o, por exemplo) e/ou sintomas de externaliza76o (comportamento anti-social, agressividade, uso de subst6ncias, entre outros) (Fontes, Concei76o & Machado, 2017; Haan et al. 2017; Hagborg, Tidefors, & Fahlke, 2017; Leeson & Nixon, 2011; Oliveira, et al. 2018; Witt et al. 2016).

Os sintomas de internaliza76o e externaliza76o foram associados pela maior parte dos estudos desta revis6o ao diagn6stico de Transtorno de Stress P6s-traum6tico e ao desenvolvimento de cogni76es disfuncionais, que revelam as cren7as que o jovem tem de si e do mundo. Witt et al. (2016) identificou que metade de seus participantes concordaram com o pensamento “N6o consigo evitar que coisas ruins aconte7am comigo”, revelando que as v6timas se sentem impotentes diante de um mundo perigoso.

J6 o pensamento “Estou com medo de ficar com tanta raiva e quebrar algo ou machucar algu6m”, associado a problemas de externaliza76o, foi menos apontado pelos participantes, sugerindo que jovens podem estar mais vulner6veis ao sintoma de natureza internalizante do que externalizante. O estudo de Haan et al. (2017) relacionou a presen7a de cren7as negativas sobre si e sobre o mundo 6 sintomas de Transtorno de Estresse P6s-traum6tico (TEPT), revelando uma sobreposi76o complexa de sintomas e sofrimentos.

Os jovens que sofreram viol6ncia psicol6gica e viol6ncia f6sica tendem a apresentar menor autocompaix6o, o que conseqüentemente intensifica o sofrimento emocional que se expressa pelos sintomas de ansiedade, depress6o, uso abusivo de 6lcool e tentativas de suic6dio (Lesson e Nixon, 201; Tanakaa et al. 2011). Tal fato psicol6gico nos leva a refletir sobre a

autocompaixão como recurso psíquico protetivo que falta ao jovem que se constituiu em um ambiente invasivo e violento se tratar com menos severidade.

Ao refletir sobre esse rol de sintomas, Mwakanyamale e Yizhen (2019) acreditam que a criança que sofre violência doméstica pode internalizar o tratamento parental severo, que resulta no sentimento de menos valia e na crença de que o mundo é ameaçador, o que resulta em extrema insegurança e autoestima frágil. Esses trabalhos repercutem a concepção winnicottiana segundo a qual uma criança que carece de um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 1958/2000) para o desenvolvimento de suas potencialidades tem sua confiança no mundo abalada e terá dificuldades para se expressar e se realizar nesse mundo de modo autêntico e criativo.

Diante da violência no lar, em que o ambiente familiar deixa de ser sinônimo de cuidado e proteção e se converte em palco para o sofrimento, os jovens podem recorrer à idealização das figuras parentais (Bonfatti & Granato, 2021) ainda que agressoras, como modo de se protegerem de angústias impensáveis (Winnicott, 1963/1994), além de acreditarem que devem ser punidos fisicamente quando falham (Haque et al. 2017; Magalhães et al. 2017) aceitando a justificativa parental para o uso de castigos físicos, elementos que desvelam o poder do adulto sobre a criança criando uma subordinação infanto-juvenil ao desejo parental.

Haan et al. (2017) e Witt et al. (2016) notaram que meninas apresentam mais crenças negativas sobre si e sobre o mundo, quando comparadas aos meninos, o que é atribuído ao fato de que as meninas sejam mais frequentemente vítimas de violência sexual. Sobre esse aspecto, os participantes de Munzer, Fegert e Goldbeck (2016) que tinham sofrido múltiplos tipos de maus-tratos, incluindo o abuso sexual, se mostraram mais vulneráveis à depressão maior que o grupo sem histórico de violência sexual. Além disso, crianças e adolescentes com história de violência sexual relataram significativamente mais sintomas de TEPT.

O acúmulo de experiências traumáticas e a violência sexual são dois elementos que somam vulnerabilidades, já que os participantes que sofreram múltiplos tipos de maus tratos incluindo o abuso sexual apresentam maior prejuízo na saúde mental e funcionamento psicossocial

quando comparados ao grupo de participantes que sofreram v6rios tipos de maus-tratos exceto o abuso sexual e ao grupo que foi vitimado exclusivamente pelo abuso sexual (Witt et al., 2016).

Jovens que sofreram abuso sexual na inf6ncia tamb6m apresentam maior probabilidade de tornarem-se v6timas ou agressores da viol6ncia no namoro (Karsberg et al., 2018), fato que sinaliza a relev6ncia de trabalhar com essa popula76o em termos de elabora76o das experi6ncias traum6ticas que podem ser reproduzidas ainda no per6odo da adolesc6ncia e levadas adiante na vida adulta (Hildebrand et al., 2015; Pinto Junior et al., 2015).

6 poss6vel perceber que o impacto emocional da viol6ncia afeta o adolescente de modo global, al6m de ficarem registrados como experi6ncia traum6tica (Nunes & Sales, 2015) que favorece a produ76o de sintomas e defesas como a repress6o e a nega76o da realidade al6m de ansiedade, culpa, medo e raiva (Hohendorff & Patias, 2017). Outras consequ6ncias mostram a desordem cognitiva e comportamental resultantes da viol6ncia dom6stica: tais como pesadelo, paranoia, dissocia76o, pensamentos obsessivos, dificuldade de aprendizagem, agressividade, comportamento autodestrutivo, comportamento hiperssexualizado e comportamento regressivo Hohendorff e Patias (2017).

Nesse contexto de sofrimento emocional e vulnerabilidade social, destacamos o papel fundamental que a rede de apoio adquire, uma vez que a rea76o do ambiente e o suporte oferecido s6o elementos que impactam na resili6ncia do adolescente v6tima de viol6ncia dom6stica (Hildebrand, Celeri, Mocillo & Zanolli, 2019; Hohendorff & Patias, 2017).

Compreendemos que a complexidade e gravidade de sintomas apresentados pelas v6timas revela que esses jovens est6o buscando sobreviver emocionalmente ao ambiente familiar invasivo e/ou negligente. Al6m do sofrimento emocional, a vida social e familiar do adolescente fica comprometida em longo prazo (Oliveira et al. 2016; Tardivo, 2017; Tardivo & Pinto J6nior, 2011), nos levando a interrogar sobre a possibilidade de realizarem vincula76es mais saud6veis, ressignifica76es das experi6ncias vividas e resgate da perspectiva de um futuro menos hostil e mais realizador.

Deste modo, n6o estamos ignorando que as pr6prias fam6lias podem estar vivendo em situa76o de vulnerabilidade e precariedade social

que compromete o exercício da parentalidade saudável. Nesse sentido, o trabalho clínico-social com essa população adquire um caráter fundamental na medida em que representa, além de um modo de elaboração das experiências traumáticas e fortalecimento da autoestima, a possibilidade de resgate da esperança de viver uma vida minimamente segura e gratificante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos artigos que compõem o corpus desta revisão serem de natureza quantitativa concordamos com Choudhary, Satapathy e Sagar (2019) que as condições para a iminência da violência são socialmente engendradas, do mesmo modo que o impacto emocional da violência doméstica é modulado pelos valores da cultura, fato que salta aos olhos quando refletimos sobre os diferentes impactos conforme o gênero da vítima. O jovem vitimado pela violência doméstica parece ser uma expressão máxima de um primeiro desamparo: o abandono da família por parte do Estado.

A despeito do conhecimento útil produzido por esta revisão de literatura, a escolha de determinados descritores pode ter limitado nossa busca aos artigos quantitativos, tendo inadvertidamente excluído uma vertente importante de trabalhos qualitativos. Daqui depreendemos a necessidade de revisões futuras que focalizem as contribuições de pesquisas qualitativas. Como força deste artigo destacamos que o recorte do período da adolescência e a seleção de trabalhos que incluíam crianças e adolescentes possibilitaram uma compreensão dos efeitos da violência doméstica ao longo da infância cujos impactos se fazem sentir já na adolescência, de modo diverso dos trabalhos que focalizam a violência doméstica contra a criança e o adolescente de modo retrospectivo, ou seja, com participantes adultos.

Considerando o sofrimento emocional decorrente da violência doméstica e do desamparo a que jovens tanto quanto suas famílias são lançados por um Estado que negligencia as necessidades de ambos, acreditamos ser um dever ético de toda sociedade criar um ambiente suficientemente protetivo e acolhedor para que seus jovens tenham condições de se desenvolver e possam contribuir com a sociedade de modo criativo e gratificante.

REFERÊNCIAS

- Al-Fayez, A. G., Ohaeri, J. U., & Gado, O. M. (2010). Prevalence of physical, psychological, and sexual abuse among a nationwide sample of Arab high school students: association with family characteristics, anxiety, depression, self-esteem, and quality of life. *Soc Psychiatri Psychiatr Epidemiol*. doi: 10.1007/s00127-010-0311-2
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020). *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. Recuperado de: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicol. Est.* 7(2), 3-11. doi: 10.1590/S1413-73722002000200002
- Assis, F. R. E. R. & Ferreira, E. B. (2012). Repercussões da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Adolesc. Saude*, 9(2), 53-59. Recuperado de: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v9n2a08.pdf>
- Apostólico, M. R., Nóbrega, C. F., Guedes, R. N., Fonseca, R. M. G. S. & Egry, E. Y. (2012). Características da violência contra a criança em uma capital brasileira. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 20(2), 266-273. doi: 10.1590/S0104-11692012000200008
- Azevedo, M.A.; Guerra, V.N.A. (1995). *Violência doméstica na infância e adolescência*. São Paulo: Robe.
- Badinter, R. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bonfatti, S. C., & Granato, T. M. M.. (2021). “É muito peso para uma pessoa só”: narrativas interativas de adolescentes sobre o (des) acolhimento institucional. *Vínculo*, 18(1), 32-41
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Trabalho originalmente publicado em 2000)

- Brasil. Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena [Internet]. Brasil: Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH); 2020 [acessado em 20 mar. 2021]. Recuperado a partir de: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. (2017). Notificação de violências interpessoais e autoprovocadas. Brasília.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2018). Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. Boletim Epidemiológico.
- Branco, M. A. O., & Tomanik, E. A. (2012). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: prevenção e enfrentamento, *Psicologia & Sociedade*, 24 (2), 402- 411, 2012. doi: 10.1590/S0102-71822012000200018
- Brino, R. F., & Souza, M. A. O. (2016). Concepções sobre Violência Intrafamiliar na Área Educacional, *Educ. Real.* 41(4), 1251-1273. doi: 10.1590/2175-623653298
- Campana, N. T. C., & Gomes, I. C. (2017). O exercício parental contemporâneo e a rede de cuidados na primeira infância. *Psicologia em Estudo*, 22(3), 449-460. doi: 10.4025/psicoestud.v22i3.3506
- Campbell, A. M. (2020) An increasing risk of family violence during the Covid-19 pandemic: Strengthening community collaborations to save lives. *Forensic Science International: Reports*, 2, 100089. doi: 10.1016/j.fsir.2020.100089
- Choudhary, V., Satapathy, S., & Sagar, R. (2019). Qualitative Study on the Impact of Child Sexual Abuse: Perspectives of Children, Caregivers, and Professionals in Indian Context. *Child Sex Abuse*, 28(4), 489-510. doi:10.1080/10538712.2018.1563262

- Elsen, I., Próspero, E. N. S.; Sanches E. N., Floriano, C. J. & Sgrott, B. C. (2011). Escola: Um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Psicol. Argum.*, 29(66), 303-311. Recuperado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20375/19643>
- Fontes, L. F. C., Conceição, O. C., & Machado, S. (2017). Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2919-2928. doi:10.1590/1413-81233017229.11042017
- Gabatz, R. I. B., Padoin, S. M. M., Neves, E. T., & Lima, J. F. (2013). A violência intrafamiliar contra a criança e o mito do amor materno: contribuições da enfermagem. *Rev Enferm UFSM* 3(esp), 563-572. doi.org/10.5902/2179769210990
- Gunnlaugsson G., Kristjánsson AL., Einarisdóttir J., & Sigfúsdóttir ID. (2011). Intrafamilial conflict and emotional well-being: A population based study among Icelandic adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 35(5), 372-81. doi: doi.org/10.1016/j.chiabu.2011.01.011
- Global Initiative to End All Corporal Punishment of Children. (2017) Prohibiting corporal punishment. Retrieved April 05, 2021. Recuperado a partir de: <http://www.endcorporalpunishment.org/prohibiting-corporal-punishment/introduction.html>
- Haan, A., Ganser, H. G., Munzer, A., Witt, A., & Goldbeck, L. (2017). Dysfunctional maltreatment-related cognitions in children and adolescents. *Child Adolesc. Psychiatry Ment Health*, 11 (31). doi: 10.1186/s13034-017-0168-1
- Hagborg, J. M., Tidefors & I. Fahkle, C. (2017). Gender differences in the association between emotional maltreatment with mental, emotional, and behavioral problems in Swedish adolescents. *Child Abuse & Neglect* 67, 249-259. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.02.033
- Hildebrand, N. A., Celeri, E. H. R. V., Morcillo, A. M. & Zanolli, M. L. (2015). Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.*, 28(2), 213-221. doi: 10.1590/1678-7153.20152801

- Hills S., Mercy J., Amobi A. & Kress H. (2016). Global prevalence of past-year violence against children: a systematic review and minimum estimates. *Pediatrics*, 137(3). doi: 10.1542/peds.2015-4079.
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, 23(2), 395-416. doi: 10.1590/s0103-65642012005000007
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S., & Dell’Aglío, D. D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8(1), 46-54. doi: 10.4013/ctc.2015.81.05
- Hohendorff, J. V., & N. D. Patias, (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 49, 239-257. doi: 10.17058/barbaroi.v0j49.9474
- Haque, M. A., Janson S., Moniruzzaman S., Rahman A. K. M. F., Mashreky S. R. & Eriksson U. B. (2017). Bangladeshi school-age children’s experiences and perceptions on child maltreatment: A qualitative interview study, *Child Care*, 1-8. doi: 10.1111/cch.12508
- Karsberg, S., Bramsen, R.H., Lasgaard, M., & Elklit, A. (2018). The Association Between Distinct Categories of Child Abuse Experiences and Dating Violence in Early Adolescence. *J. Fam. Viol.* 34, 165–176. doi: 10.1007/s10896-018-9979-y
- Kwok, S. Y. C L., Yeung, J. W. K., Low, A. Y. T., Lo, H. H. M & Tam, C. L. (2015). The roles of emotional competence and social problem-solving in the relationship between physical abuse and adolescent suicidal ideation in China. *Child abuse & Neglect*. doi: 10.1016/j.chiabu.2015.03.020
- Lei nº 8069, de 12 de julho de 1990 (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, Brasil.

- Lei nº 13.010, de 26 de Junho de 2014 (2014). Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República, Brasília, Brasil. Recuperado a partir de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm
- Leeson, F. J. & Nixon, R. D. V. (2011). The Role of Children's Appraisals on Adjustment Following Psychological Maltreatment: A Pilot Study. *J Abnorm Child Psychol* 39, 759–771. doi: 10.1007/s10802-011-9507-5
- Levandowski, M. L., Stahnke, D. N., Munhoz, T. N., Hohendorff, J. V., & Salvador- Silva, Roberta. (2021). Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(1). doi: 10.1590/0102-322X00140020
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Campos, L. M., Camargo, C. L., Estrela, F. M., & Couto, T. M. (2017). Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. *Texto Contexto Enferm.*, 26(4), e1730016, 1-9. doi: 10.1590/0104- 07072017001730016
- Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), e00074420. doi: 10.1590/0102-311X00074420
- Martins, C. B. G. & Jorge, M. H. P. M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. *Texto Contexto Enferm*, 19(2), 246-255. doi: 10.1590/S0104-07072010000200005
- Mwakanyamale, A. A., & Yizhen, Y. (2019). Psychological maltreatment and its relationship with self-esteem and psychological stress among adolescents in Tanzania: a community based, cross-sectional study. *BMC Psychiatry* 19(1): 176. doi: 10.1186/s12888-019-2139-y

- Miura, P. O., Silva, A. C. S., Pedrosa, M. M. M. Pe, Costa, M. L., & Nobre Filho, J. N. (2018). Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. *Psicologia & Sociedade*, 30. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30179670
- Munzer, A., Fegert, J., & Goldbeck, L. (2016). Psychological Symptoms of Sexually Victimized Children and Adolescents Compared With Other Maltreatment Subtypes. *Journal of Child Sexual Abuse*, 25(3), 326-346. doi:10.1080/10538712.2016.1137667
- Organização Mundial de Saúde (OMS). Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência; 2015. Recuperado a partir de <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>
- Oliveira, I. R., Matos-Ragazzo, A. C., Zhang, Y., Vasconcelos, N. M., Velasquez, M. L., Reis, D., Ribeiro, M. G., Rocha, M. M., Rosario, M. C., Stallard, P., & Cecil, C. A. M. (2018). Disentangling the mental health impact of childhood abuse and neglect: A replication and extension study in a Brazilian sample of high-risk youth, *Child Abuse & Neglect*, 80, 312–323. doi: 10.1016/i.chiabu.2018.03.021
- Oliveira, L. B., Soares, F. A., Silveira, M. F., Pinho, L., Caldeira, A. P. & Leite, M. T. S. (2016). Violência doméstica contra a criança: elaboração e validação de instrumento para avaliação do conhecimento dos profissionais de saúde, 24, e2772. doi: 10.1590/1518-8345.0805.2772
- Oliveira, S. M., Fathal, L. C. P., Rosa, V. L., Ferreira, C. D., Gomes, G. C. & Xavier D. M. (2013). Notificação de violência contra crianças e adolescentes: atuação de enfermeiros de unidades básicas. *Rev. enferm.*, 21(1), 594-599. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/10012/7807>
- Pasian, M.S., Faleiros, J.M., Bazon, M.R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando famílias*, 17(2), 61-70. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200005

- Piosiadlo, L.C.M., Fonseca, R.M.G.S., & Gessner, R. (2014). Subalternidade de g6nero: refletindo sobre a vulnerabilidade para viol6ncia dom6stica contra a mulher, *Esc. Anna Nery*, 18(4). doi: 10.5935/1414-8145.20140104
- Pinto, L. A. P. A., & Colossi, P. P. M. (2017). Percep76o materna acerca das pr6ticas educativas coercitivas e a transmiss6o de modelos familiares, *Contextos Cl6nicos*, 10(2), 157-171.
- Pires, A. L. D., & Miyazaki, M. C. O. S. (2005). Maus-tratos contra crian7as e adolescentes: revis6o da literatura para profissionais da sa7de, *Arq Ci6nc Sa7de*, 12(1), 42-49. Recuperado de: https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/Vol-12-1/08%20-%20id%20102.pdf
- Pinto Junior, A. A., S6 Pinto, E. P., Souza, K. T., Moreira, G. T., Junior, B. E. D., Silva, E. A., Balbino, N. R., & Mello, G. F. (2015). Viol6ncia dom6stica contra crian7as e adolescentes: preven76o nos centros de refer6ncia de assist6ncia social. *Rev. Ci6n. Ext.*, 11(2), 91-113. Recuperado de: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1155/1111
- Peterman, A., Potts, A., O'Donnell, M., Thompson, K., Shah, N., Oertelt-Prigione, S., & Gelder, N. (2020). Pandemics and violence against women and children. Center for global development. Recuperado de: <https://www.cgdev.org/sites/default/files/pandemics-and-vawg-april2.pdf>
- Platt, V. B., Guedert, J. M., & Coelho, E. B. S. (2021). Viol6ncia contra crian7as e adolescentes: notifica76es e alerta em tempos de pandemia. *Rev. paul. pediatr.* 39. doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020267
- Santana, R. P. & Santana, J. S. S. (2016). Viol6ncia contra crian7a e adolescente na percep76o dos profissionais da sa7de. *Revista Enfermagem*, 4(24), 102-201. doi: 10.12957/reuerj.2016.7070
- Silva, L.E.L., & Oliveira, M.L.C. (2015). Viol6ncia contra a mulher: revis6o sistem6tica da produ76o cient6fica nacional no per6odo de 2009 a 2013. *Ci6nc. sa7de colet.* 20(11). doi: doi.org/10.1590/1413-812320152011.11302014

- Tanaka, M., Wekerle, C., Schuck, M. L., & Paglia-Boack, A. (2011). The linkages among childhood maltreatment, adolescent mental health, and self-compassion in child welfare adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 35, 887-898. doi: 10.1016/j.chiabu.2011.07.003
- Tardivo, L. S. L. P. C., & Pinto Junior, A. A (2010). Manual do Inventário de Frases na Avaliação da Violência Doméstica. São Paulo, Vetor Editora Psico-Pedagógica.
- Tardivo, L.S.P.C. (2017). O desenho da figura humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 63-78. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100006
- Vieira P.R., Garcia L.P., & Maciel E.L.N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Rev Bras Epidemiol*, 23. doi: 10.1590/1980-5497202000033.
- Winnicott, D.W. (2000). O desenvolvimento emocional primitivo. In D.W. Winnicott, *Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas* (pp. 219-231). Rio de Janeiro: Editora Imago (Trabalho originalmente publicado em 1945)
- Winnicott, D.W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1958).
- Witt, A. Münzer, A., Ganser, H. G., Ferget, J. M., Goldbeck, L., & Plener, P. L. (2016). Experience by children and adolescents of more than one type of maltreatment: Association of different classes of maltreatment profiles with clinical outcome variables, *Child Abuse & Neglect* 57, 1–11. doi: 10.1016/j.chiabu.2016.05.001.
- World Health Organization. Global status report on violence prevention 2014. Geneva: World Health Organization, 2014. Recuperado a partir de: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793>.

Recebido em 24/10/2021

Aceito em 13/06/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.